

# Editorial

Entrámos finalmente em 2012, o ano que os portugueses mais receiam. Estes medos que cada português sente em relação ao futuro, e que é comum a todos, são no entanto vividos de forma diferenciada pelas várias castas, extractos da sociedade ou níveis sociais como se lhes queira chamar.



De facto os muito, muito ricos, nem têm que se preocupar, porque se isto por cá estiver muito mau podem sempre viajar para os países onde têm o seu dinheiro bem guardado, e aí viver muito bem, e em absoluta segurança pelo tempo que for necessário. E aqueles que têm empresas até podem deslocalizar as sedes, ou até as próprias empresas porque o dinheiro não só tem paraísos fiscais onde se esconde, como também tem países onde é muito bem recebido e até idolatrado. Assim, os portugueses muito ricos não estão muito preocupados, com a miséria anunciada para Portugal em 2012. Temos depois aqueles portugueses ricos, os que têm muito dinheiro por terem herdado da família, ou por terem ganho de outras famílias, políticas, profissionais, também não devem estar muito preocupados porque se de facto a vida em Portugal se tornar difícil e perigosa, podem sempre tirar bilhete e ir para climas mais quentes como o Brasil, Cabo Verde, ou outros países da América Latina, ou de África, onde serão muito bem recebidos pelas oligarquias no poder desses países "irmãos". Os políticos, do governo, do parlamento, das autarquias, das juntas de freguesias e até quadros da função pública estão, por enquanto, em relativa segurança porque em Portugal ainda há forças armadas, forças para-militares e de segurança que de certo

modo lhes podem proteger a vida e a fazenda. Os portugueses deste extracto sócio profissional, de um modo geral também estão bem de vida e com razoável pecúlio amealhado ao serviço do povo, que lhes permitirá mercê desse pé de meia, e redes de influência, viver sem grandes preocupações e sobressaltos pelo menos durante a primeira metade do ano, a partir daí é muito natural que comecem a sentir a insegurança e a angústia do dia seguinte, que os portugueses da classe média já vem sentindo desde finais de 2011. Mas se os portugueses de falámos são uma parte da nossa sociedade a que detém a maior parte da riqueza do país e que, ainda vivem desafogadamente bem, que dizer de todos os outros portugueses, a grande maioria que vive do seu trabalho, quer como assalariado, ou como trabalhador independente, empresário de micro, pequena ou média empresa, cujo drama é não saber se tem trabalho no dia seguinte para garantir, em primeiro lugar, dinheiro para o sustento dos filhos, depois para honrar os compromissos assumidos com fornecedores, e pagar impostos e outras despesas imprevistas mas que sempre aparecem. São estes portugueses, de uma classe média e média baixa que vão resvalando todos os dias para ir aumentando o número de cidadãos que vivem com carências, e muitos deles vão descendo no nível social para níveis de pobreza envergonhada e depois para a falta de coisas essenciais como comida e agasalhos que os obriga a vender o que lhes resta perdendo a auto-estima e a esperança de poderem recuperar engrossando assim o número de portugueses que do limiar da pobreza ou da miséria. São estes portugueses que ainda têm alguma coisa, os que pouco têm, e sobretudo os que nada têm senão a sua força de trabalho, que vão ter que suportar as passas do Algarve para superar e sobreviverem a um ano em que não há dinheiro, para se comprar nem a comida que não se produz.





Navegamos hoje com terra á vista, e confiamos no capitão e na divina providência para levar a nau portuguesa a bom porto, já o mesmo não se pode dizer da tripulação desta nau. Há entre a marinhagem gente capaz, forte e leal ao

país mas os outros, uns são gente vendida à ganância, ao vil dinheiro e às vaidades da posição, das tenças e das mercês, outros são como carneiros que vão para onde os donos os mandam. E depois ainda há alguns, muito poucos, que todos os dias se rebelam e lutam contra o marasmo, as dificuldades e a indiferença dos demais, para saírem desta apagada e vil tristeza a que os portugueses se habituaram desde há mais de quinhentos anos como Camões tão bem caracterizou nos lusíadas. Que fazer então para fazer renascer o que os portugueses têm de melhor na seu ADN, na sua herança histórica? Que fazer para que este povo mult centenário desperte e lute para sair deste redemoinho que, inexoravelmente, nos leva para o fundo de um buraco negro donde, a sair alguém com vida, já não serão portugueses, mas sim \*pretogueses ou \*europeses a que os europeus de primeira vão considerar abaixo dos decadentes gregos ou iguais aos ciganos romenos. Que fazer para Portugal e os portugueses se reerguerem de novo? Que fazer para que este pequeno e insignificante povo que outrora, tendo partido dos confins da Europa deu novos mundos ao mundo e hoje, estando situado onde a Europa começa, vive sob a ameaça de perder a independência e sucumbir a esse gigantesco polvo de muitos tentáculos que são os mercados. Como combater os mercados? Esses imaginários moinhos do nosso tempo tão imaginários e reais como os que o escanzelado, patético e louco Don Quixote combatia com a generosidade de um romântico apaixonado pela sua Dama e a sua terra. Na verdade estamos hoje, a maioria dos cidadãos destes dois povos ibéricos, na situação do Sancho Pança, em que o amo por nos dar alguma coisa, esperanças e ilusões, aplaudimos e rejubilámos com as loucuras de quem manda, e, depois, resignadamente aceitamos o fardo, os trabalhos e as canseiras por muitos anos, para remediar o tempo e a fazenda perdidos.

Há duas hipóteses de Portugal e a Espanha resolverem os seus problemas económicos e a sua dívida externa e conseguir algum reequilíbrio. Uma das hipóteses requer a

intervenção da divina providência enviando um cataclismo que reduza, no mínimo, em vinte e cinco por cento a população da península, ou faça a milagre de se descobrir petróleo nos dois lados da fronteira. A outra hipótese está no voluntário sacrifício de dividir o pouco que uns têm pelos outros que menos possuem e por outros ainda que nem trabalho têm. Chegámos a uma encruzilhada das nossas vidas que não adianta protestar, nem fazer greves ou manifestações, porque cada vez mais há menos contra quem protestar ou vociferar. Se aumenta diariamente o número de desempregados é porque na sua proporção relativa diminui o número de empresas e de empresários, e por cada empresário que desiste de o ser aumenta exponencialmente o número de desempregados. Como não se pode obrigar ninguém a ser empresário, a criar uma empresa e dar emprego a “trabalhadores” estamos hoje num espiral de empobrecimento que nos levará a um desastre social. A resposta mais racional que encontro para o problema do desemprego em Portugal e Espanha, e mesmo na Europa está na divisão dos empregos que existem por mais pessoas. Em vez de se discutir a divisão da riqueza que se cria no país por mais pessoas deve discutir-se a divisão do trabalho por mais gente, para que todos os trabalhadores tenham trabalho. Esta teoria é defensável e pode ser aceite facilmente por todos os que têm emprego, se se lembrarem daquele velho provérbio português, “onde comem quatro, comem cinco!”

Bem mas vamos aos finalmente para acabar este editorial da edição de Fevereiro, que como a anterior é virtual e por isso não a podemos palpar, sentir o peso, ou a suavidade do papel, e menos ainda podemos levar a edição para a casa de banho, lugar para onde muitos portugueses têm o prazer de ler, o que houver á mão para ler. Também este mês não conseguimos apoios para editar a revista em papel. Os empresários do Algarve estão descapitalizados e não há negócios que ajudem a repor, ou a reequilibrar as finanças, as autarquias e organismos do Estado que ainda têm o dinheiro que o sector privado vai pagando em impostos taxas e alcavalas, também não injectam dinheiro na economia, nem para pagar as dívidas nem para tentar reanimar a economia local e regional. Posto isto só nos resta pensar no dia de amanhã com alguma da esperança que não se esgotou hoje. E termino desejando-lhe a si, que era e é nosso leitor, que continue a ter saúde e trabalho porque nós já pouco trabalho temos e a saúde psíquica também nos vai faltando.

O Editor

É incrível como, apesar do país estar sob um apertado programa de austeridade financeiro para recuperar a sabida estabilidade económica e a credibilidade externa, mesmo assim o Estado, as empresas públicas, as parcerias públicas/privadas, mais os subsídios e rendas pagos às empresas privadas, o erário público continua a perder milhões de euros por dia. E quem paga esses milhões de prejuízo? Só pode ser o povo! Sim é o povo! São aqueles que menos ganham, que menos têm e passam necessidades de todo o tipo, que têm que pagar as políticas de austeridade imposta pelos donos e senhores da democracia e do capitalismo, que continuam a viver á grande e á francesa, como se a maioria da população portuguesa não estivesse a resvalar para a pobreza e a miséria extrema.

Os culpados da presente situação económica do país, são em primeiro lugar os políticos, que nos governaram até hoje. A começar pelos políticos responsáveis pelos conturbados anos depois de setenta e quatro. Depois foram os socialistas que, como todos sabem são de uma generosidade extrema, e distribuíram não se sabe por quem ou em quê, a pesada herança da ditadura ao ponto do Dr. Soares vulgo "pai da democracia portuguesa" ter que recorrer ao FMI em 1977 e 1983. Não falando noutros veio a seguir o Prof, que ajudei a eleger com o meu voto, e apesar de ter reequilibrado as contas do país em uma década, também se deixou deslumbrar e seduzir pelos milhões dos fundos da Europa e deu trabalho aos portugueses a plantarem alcatrão e espalhar cimento por todo o país não tendo investido o bastante em infra-estruturas industriais, agrícolas e de turismo garantissem postos de trabalho no futuro, que é nosso presente hoje. Depois veio o Guterres que de novo se encarregou de distribuir os fundos do erário público, que o antecessor tinha equilibrado e amealhado, para dar dinheo a toda a gente, subsídios a quem pedia, subvenções do estado a todas as entidades publicas e privadas, garantias e avales do Estado a empresas publicas e privadas. E tanto deu generoso Guterres que quando viu que, além do que ele dava na sua magnânima bondade, entre os seu leais ministros, servidores, vassallos alguém se encarregava de arrecadar e guardar a sua "merecida parte", ao ponto do humilde Guterres ser obrigado a demitir-se, não por causa de uma eleições autárquicas perdidas, mas sim por descobrir que o seu governo e o país estavam num pântano. O Guterres foi o primeiro a fugir, com um bem remunerado emprego de "globetrotter" na ONU. Depois veio o Durão, que de novo tentou reequilibrar as contas e o deficit deixadas pelo governo socialista de Guterres, Dois anos e meio depois também o Durão trocou a liderança do governo de Portugal por um belíssimo emprego de presidente da união europeia. grande emprego que ainda hoje mantém. A seguir veio Santana Lopes, para seis meses de governo por vontade de Jorge Sampaio para dar tempo á eleição de J Sócrates como secretário geral do PS. Pela mão e cordelinhos de Sampaio, mais a ajuda da comunicação social assalariada José Socrates foi eleito com maioria absoluta por um povo que sabia que, com os socialistas,

ia continuar a viver bem sem ter que trabalhar muito, por força de uma melhor distribuição dos dinheiro dos impostos de quem trabalha, e do erário publico, que os socialistas tão bem sabem distribuir e repartir. Eis que em 2011 por força da ameaça de não haver dinheiro para pagar aos funcionários, o governo socialista chamou de novo o FMI e J. Sócrates demitiu-se e deu lugar a eleições para o povo eleger outro governo, que não socialista, para pôr denovo as contas em dia para pagar o que se deve ao estrangeiro. Enquanto isso José Sócrates também deixou o país, não por um novo emprego na Europa, mas por exílio em Paris a estudar filosofia e a gastar quinze mil euros por mês, provavelmente dinheiro da sua pensão vitalícia e do que ganhou nas horas extraordinários enquanto 1º ministro.

De tudo o que a maioria dos políticos, governantes, deputados, capitalistas, banqueiros ganharam legitimamente ou surripiaram, ninguém foi chamado a prestar contas. Ninguém foi acusado, constituído arguido ou condenado por gestão danosa, roubo ou prejuízo da coisa pública. O único condenado a pagar a gestão danosa, os roubos, a incompetência dos políticos e dos gestores públicos, foi o povo! Sim é o povo, são os que menos têm que vão ter que pagar o pato, os bifes do lombo, as lagostas e o caviar, as mordomias, e as pensões vitalícias dos políticos que elegeram. Ironia do destino, é que foi este mesmo povo que ao longo de três décadas em sucessivas eleições foi elegendo governantes que os exploraram, exploram até ao tutano, e mesmo assim o povo é sereno e quer acreditar que estes governantes não só são melhores, mais competentes que os outros, mas são também mais sérios.

Sim Senhor ministro! Quem viu esta irónica série britânica que passou na TV há já alguns anos? Eu já começo a acreditar que por cá, a série Sim Senhor ministro continua e nada vai mudar. Eles comeram tudo e não deixaram nada. Estes agora pedem sacrifícios ao povo para pagar as dividas do país, e quando as contas e o déficit estiverem equilibrados e houver alguma poupança, virão as eleições legislativas e o povo vai eleger um governo socialista para voltar tudo ao mesmo. Isto faz-me lembrar de novo o Dr. Mário Soares quando respondeu assim; a uma pergunta dos jornalistas a propósito da pobreza em que os moçambicanos viviam, " São pobres, mas têm a liberdade de escolher", também nós tivemos a liberdade de escolher.

*O Editor*

